Universidade Federal do Rio Grande - FURG
17ª Mostra da Produção Universitária - MPU
Rio Grande/RS, Brasil, 01 a 03 de outubro de 2018
ISSN: 2317-4420

OS SABERES POPULARES E SEU LUGAR NA UNIVERSIDADE: AS RELAÇÕES DE PODER NO ÂMBITO ACADÊMICO

GONZALEZ, Anderson Luiz; PEREIRA, Roberta Avila.
PEREIRA, Vilmar Alves
andersongonzalez72@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Palavras-chave: Saberes populares. Universidade. Relações de poder.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise crítico reflexiva sobre as relações sócio-educacionais entre os saberes populares e o elitismo academicista que por vezes acaba oprimindo tais saberes bem como o lugar de fala das minorias dentro da universidade. Para atingir este objetivo, alicerçarei minhas reflexões nas contribuições de Michel Foucault e seu conceito de *Microfísica do poder* para compreender as relações que permeiam o meio acadêmico e as condições facilitadoras que possibilitam ou favorecem a hegemonia do lugar de fala por parte das classes dominantes, visando suscitar reflexões sobre o histórico afastamento entre a universidade e as comunidades populares.

2 METODOLOGIA

Esta escrita consistirá em duas etapas, onde a primeira será uma contextualização do conceito de *microfísica do poder*, visando uma reflexão sobre as relações de poder que interpelam o ambiente acadêmico e sua relação com as minorias historicamente oprimidas. A segunda etapa será uma análise crítico-reflexiva sobre o assunto buscando hipóteses que possam contribuir para a melhora, conscientização e problematização da importância desses espaços serem ocupados por estas minorias, levando em conta seus saberes, culturas e especificidades no ambiente acadêmico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A *microfísica do poder* foi um conceito cunhado por Michel Foucault (1975) onde o autor causa uma quebra de paradigmas na forma como a sociedade historicamente compreende o que é o poder em si e como ele interpela as relações entre os sujeitos, partindo de um modelo de visão Estruturalista do poder concentrado hegemonicamente nas Instituições do Estado.

Michel Foucault afirma que o *poder* não está concentrado em um único lugar ou em uma única instituição e ele não parte de uma macro-estrutura para uma micro-estrutura mas está sim nas micro relações entre os sujeitos, ou seja, ele está nas relações sociais agindo de forma sutil e discreta, pois

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
17ª Mostra da Produção Universitária - MPU
Rio Grande/RS, Brasil, 01 a 03 de outubro de 2018
ISSN: 2317-4420

obrigatoriamente o poder exerce uma força que não é coercitiva e desta forma ele age também nas diversas instituições, como por exemplo nos Hospitais, no Exército, nas prisões e na Escola.

Por mais que os pensamentos e a análise de Foucault tenham enfrentado certa resistência de pensadores Estruturalistas no final do séc. XX (e hodiernamente continua enfrentando fortes críticas), não podemos negar que suas contribuições foram imprescindíveis para melhor compreensão dos mecanismos de poder e como eles se estabelecem e atuam nas diversas instituições, sobretudo nas instituições escolares, onde essas relações não apenas se fazem presentes mas determinam quem detém e dita as regras de funcionamento.

Implícito no discurso de quem exerce esse poder dentro das Universidades, por exemplo, estão relações políticas que servem a determinados interesses de terceiros, no caso, de quem detém este poder, ou seja, as elites sócio-econômicas e a classe burguesa. Daí que por viver em uma sociedade que possui uma ideologia neoliberalista onde impera o conceito de meritocracia, o lugar de fala das minorias é, quase por via de regra - se não fossem as lutas e o empenho dos movimentos sociais - suprimido. Essa supressão causa um afastamento entre as comunidades populares e o mundo acadêmico, pois quando elas não conseguem obter uma relação de pertencimento com a universidade, consequentemente em função da relação de poder entre o elitismo acadêmico e os saberes e culturas das minorias, esse lugar de fala é retirado delas.

A interpretação subjetiva de academicismo que trago nesta escrita diz respeito à relação de poder que está no próprio lugar de fala dos sujeitos que se colocam como superiores aos sujeitos que não possuem um saber acadêmico. No momento em que seus discursos começam a expressar essa visão de superioridade, eles automaticamente negam suas origens ontológicas (haja em vista que temos por referência aqueles ingressos no meio acadêmico que vieram de classes populares) e passam a exercer uma microfísica do poder que alimenta tanto mais o lado do opressor do que o lado do oprimido.

O caminho para uma possível mudança nesta situação de opressão das minorias é a valorização dos saberes populares e de suas culturas. Não é tarefa fácil romper com uma desvalorização e uma opressão que além de histórica também é cultural e que só chegou neste ponto pelo desconhecimento e falta de conscientização que as massas populares possuem de sua situação de oprimidos. Uma das formas de valorizar estes saberes populares é primeiramente não permitir que eles sejam “invisibilizados” no âmbito acadêmico e para isso é preciso fazer com que esses saberes possuam espaços dentro da universidade e que esses espaços bem como os que já foram conquistados, sejam respeitados.

Quem dita as regras é quem tem o poder. Sempre foi desta forma. No caso das Universidades a explicação do elitismo academicista também passa

ISSN: 2317-4420

por esta lógica da microfísica: conhecimento é poder, e como quem detêm o poder dentro de uma sociedade suleada por uma lógica neoliberalista é quem manda, muitos sujeitos que chegam de uma minoria historicamente oprimida e conseguem seu lugar de fala, constantemente não faz questão de usá-lo para conscientizar outras sujeitos, mas ao invés disso se utilizam desta microfísica para reproduzir a opressão, e assim sistematicamente.

Ao mesmo tempo em que a universidade é capaz de perpetuar relações de poder que oprimem a ordem do discurso das minorias, também é possível usar a microfísica do poder para reverter essa situação. Para isso é preciso que a ideia do poder como algo que parte de uma micro-estrutura, nas relações de sujeito para sujeito, sejam disseminadas e discutidas pois geralmente quem sabe que é possível exercer poder e influência sobre o próximo, age de maneira a utilizar esse poder em benefício próprio. Está aí uma das maiores dificuldades de se mudar as relações de poder, pois a conscientização de que ele se encontra nas micro-relações entre os sujeitos e é uma estratégia que pode servi tanto para controlar ou para "libertar" e emancipar, não é de interesse daqueles que já o detêm e o utilizam como forma de disciplinar o próxima à sua maneira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de falar nas relações de poder que permeiam o ambiente acadêmico se faz necessária pelo fato de que essas relações também são políticas e interferem diretamente na sociedade em que vivemos e só é possível causar alguma mudança a partir do momento e que tomamos consciência de nossa real situação.

Acreditando em uma visão foucaultiana de que não existem relações neutras onde o poder não esteja presente, pois o poder é, como já foi supracitado, também uma estratégia e que essa estratégica pode ser (e normalmente é) política, se faz necessário compreender como esse poder atua para que possamos interferir de forma à lutar por uma sociedade mais justa e por igualdade de direitos, reivindicando quando sofremos abuso por parte das instituições, sobretudo as do Estado. A luz destas considerações, espero contribuir para uma reflexão sobre todo o tipo de relação de poder presente nas Instituições de Ensino Superior e como elas são ou podem ser usadas para perpetuar ou para lutar contra um sistema historicamente elitista.

5 REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Soberania e Disciplina. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.